

Meditação do dia
Comentário sobre Lc 24, 15-35
Sexta-feira, 19/07

Lucas 24, 30-32: Quando estava à mesa com eles, pegou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles. Neste momento seus olhos se abriram e eles o reconheceram. Ele, porém, desapareceu da vista deles. Então um disse ao outro: "Não ardia o nosso coração enquanto ele falava conosco pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?"

Comentário

Aqui chegamos ao ponto mais alto da nossa jornada, seguindo os passos dos nossos dois amigos. Chegamos a Emaús, os discípulos estão felizes com aquele estranho misterioso que parecia nada saber dos acontecimentos atuais, mas na realidade sabe mais do que ninguém, porque conhece a dinâmica profunda dos acontecimentos. Vemos todos eles sentados à mesa e de repente a história toma um rumo inesperado para os dois discípulos que convidaram Jesus para jantar com eles. Os papéis invertem-se: agora já não são eles que oferecem algo a Jesus, mas é Jesus quem lhes dá o pão.

E não só: esta inversão permite abrir os olhos dos discípulos, que até então estavam como que cegos: tinham falado com Jesus, tinham caminhado com Ele durante muito tempo, tinham-no ouvido interpretar a Bíblia, mas ainda não o haviam reconhecido.

Parece impossível: perguntamo-nos como é que não tinham compreendido antes que era Jesus, mas aqui o evangelista Lucas utiliza uma estratégia narrativa, que usa para nos fazer compreender plenamente esta história.

Esta estratégia é chamada de narrativa de reconhecimento, de uma palavra grega antiga que significa reconhecimento. Foi muito utilizada na literatura desde a antiguidade, já falava dela Aristóteles, que a define como "uma passagem da ignorância ao conhecimento acompanhada de reversão" (*Poética*).

O primeiro aspecto da história do reconhecimento é uma ausência, a perda de um ente querido que causa tanto sofrimento. O sofrimento é a base do caminho que, graças a sinais, intuições, memórias ou testemunhos, levará ao reconhecimento.

O reconhecimento - é importante ressaltar - não é apenas o do ente querido que finalmente é encontrado, mas significa também a compreensão do que essa pessoa representa.

Pensemos em Ulisses, que regressa a Ítaca vestido de trapos, como um mendigo, e a princípio ninguém o reconhece, exceto o seu cão, que, no entanto, não consegue falar. A primeira pessoa a reconhecê-lo será uma humilde mulher que faz parte dos criados do palácio, a enfermeira de Ulisses. O sinal que permite à enfermeira reconhecê-lo é uma cicatriz que Ulisses traz no corpo, marca indelével e única.

Na nossa passagem evangélica, os discípulos precisam que Jesus parta o pão para que os véus caiam dos seus olhos, para que ocorra o reconhecimento.

A fração do pão é o sinal indelével de Jesus e a marca que o distingue.

A doação de si mesmo, fazendo-se pão para todos e convidando os outros a fazerem o mesmo é algo que nele fica gravado como uma cicatriz: um sinal inequívoco.

Só que ele parte o pão assim e esse gesto resume a sua vida.

Os discípulos agora *veem* e veem Jesus *vivo*. O tema da cegueira é recorrente e importante nos evangelhos. E é também o caso da literatura. As páginas literárias mais elevadas ensinam-nos precisamente isto: tirar as vendas dos olhos, não ser mais cegos aos nossos defeitos e às virtudes dos outros, abrir bem os olhos para a verdade.



TORINO 2024
13° raduno
internazionale

«Mas então todas as boas histórias, de uma forma ou de outra, giram em torno do ver»: personagens deslumbrados pelos desejos que os obsedam, por exemplo, mas também «a cegueira como fulcro da opressão social. A verdade é que na vida real, ainda mais do que nos livros, somos escravos das ilusões e dos preconceitos, das coisas que queremos ver e ouvir. A cegueira para os outros não é a fonte de todo o mal no mundo real? Se os senhores de escravos os tivessem visto como eles eram - seres humanos como eles - teriam sido capazes de infligir tamanha crueldade?» (Nafisi).

Seus olhos se abriam, Lucas escreve sobre os discípulos, e Dante na floresta escura diz: *Encontrei-me: é um despertar*.

«O testemunho de Jesus da presença de Deus indica a modalidade de um despertar graças ao qual entramos em contato com Aquele que não abandona ninguém...
Não adianta perguntar onde está Deus e como ele pode nos ajudar.
Não é Deus que está longe, é o homem que adormeceu, que está ausente e desintegrado, perdido em si mesmo” (Mancini).

O evangelista Lucas conta-nos que os olhos dos discípulos se abriam no preciso momento em que Jesus partiu o pão e o partilhou.
Só então compreenderam o significado do outro sinal que receberam: o ardor do coração enquanto Jesus interpretava as Escrituras ao longo do caminho.
Só agora eles se tornam capazes de conectar um sinal a outro.

Estes versículos sobre o reconhecimento de Jesus têm uma força extraordinária: em poucas palavras contêm um processo fundamental de fé.
Quando reconhecemos Deus em nossas vidas - através de uma intuição, de uma experiência, de uma palavra lida ou ouvida - nos tornamos capazes de conectar os sinais da presença de Deus que recebemos ao longo do tempo, mas que ainda não tínhamos compreendido antes.

Vamos tentar pensar naquele jogo que as crianças brincam: há uma folha de papel com muitos pontos aleatórios, e quando você olha para eles você vê apenas um grupo de pontos e não entende nada disso. Porém, quando a criança pega um lápis e desenha linhas que ligam os pontos entre si, eles revelam uma forma, um desenho, por exemplo a forma de um animal ou de uma casa e é como um reconhecimento: o desenho já está lá estava no papel, mas os olhos da criança não conseguiam ver antes.

Os discípulos veem Jesus partir e oferecer o pão, ligam os pontos e finalmente entendem. Aqui aparece um desenho, não há mais a confusão de antes.

E qual é o desenho que aparece?

“O símbolo central da nova visão da vida, o reino de Deus, é uma comunidade reunida numa refeição festiva, onde o pão que sustenta a vida e a alegria que sustenta o espírito são partilhados com todos” (McFague).
«Uma comunhão com Deus e uma comunhão com a terra e uma comunhão com Deus através da terra» (P. Teilhard de Chardin, citado em McFague).

«O mistério cristão é um mistério de comunhão» (Vannucci).
«Não a santidade do escolhido, mas a plenitude de tudo» (Schüssler em Sally 82).

A Eucaristia: um tema tão profundo e vasto... Quando comecei a refletir sobre ela senti que era como uma enorme tapeçaria de muitas cores. Você segue um fio e encontra um nó que o conecta a outro fio e então você encontra outro nó e ainda outro fio, e assim a trama se alarga, se alarga, se torna muito vasta, e você percebe que aquela tapeçaria inclui todo o Evangelho.



TORINO 2024
13° raduno
internazionale

A Eucaristia, símbolo total, contém todo o anúncio de Jesus, por isso é grande o sentimento de espanto e admiração que suscita. A emoção de um mistério tão profundo, tão enraizado na vida, que se eu cavar encontro ainda mais profundidade e então de novo e de novo...

Mas acontece que tudo que dura muito e que repetimos com frequência tende a perder a carga emocional. O espanto e a sensação de mistério desaparecem e a rotina assume o controle. Isto é normal; está na ordem das coisas que aquilo que está imerso no tempo se turva com o passar dos anos. Acontece até nos eventos mais belos e preciosos. Acontece como a prata, que oxida com o tempo. O brilho ainda está lá, mas permaneceu por baixo, coberto pelos sedimentos e pelos processos do tempo.

Isto também se aplica à Eucaristia.

Acontece que o tempo, a repetição transforma o gesto sagrado em *rotina* para nós, esvazia-o de mistério, obscurece o nosso espanto. As pessoas podem entrar na Missa sem sentir espanto nem alegria, e sair sem sentir o coração arder, sem ter reconhecido Jesus vivo entre elas. Aí você tem que fazer como a prata: polir.

Quando Jesus falou aos seus seguidores sobre comer o seu corpo e beber o seu sangue, todos tremeram. Foi sem precedentes e foi chocante. Alguns discípulos partiram, desapontados e infelizes por terem perdido tempo acompanhando aquele maluco e excêntrico Galileu.

Para nós, porém, a Eucaristia já não é algo inédito. Não a achamos chocante. Com o tempo foi domesticada, tornou-se o que não era no início: um ato externo de adoração separado da vida quando deveria ser uma experiência que transforma nossas vidas.

Libertemos a Eucaristia da sua pátina opaca. Vamos redescobrir seu coração pulsante.

Já estive na Grécia. Uma das primeiras palavras que você aprende quando vai para lá, ao alcance até do turista menos capacitado com idiomas, é *efkaristies*. Ouvimos isso o tempo todo e ficamos felizes em aprender, porque é uma palavra útil.

Em grego *obrigado* ainda é dito com a mesma palavra com que a igreja chama a Ceia do Senhor. E é uma palavra que está na boca de todos, crentes e não crentes, todos os dias. Palavra com sabor de casa, palavra da língua materna.

Pena que não é assim em italiano. Quando a Igreja usa uma palavra que não está na linguagem da vida cotidiana, essa palavra se especializa para aquele único uso religioso, o único em que tem significado. Aconteceu então que a palavra Eucaristia parece não ter nada a ver com a vida cotidiana.

Mas, em vez disso, o que há de mais imerso na vida e de mais familiar, espontâneo, natural do que um *obrigado*? Dizemos *obrigado* muitas vezes ao dia, e fazemos isso porque somos seres que têm necessidades, seres dependentes que recebem continuamente: de outros seres humanos e da natureza, do ar, da água, do sol, dos animais e das plantas ... Se não recebêssemos continuamente, não poderíamos permanecer vivos.

A palavra italiana *grazie*, embora não tenha ligação com a palavra eucaristia, mantém, no entanto, uma ligação clara com a palavra *grátis*. A Eucaristia é um agradecimento por algo que recebemos gratuitamente; é, portanto, um dom, *um dom em resposta à nossa necessidade*.

Não sei se isso fica claro para todas as pessoas que vão à Missa. Temo que para alguns (ou muitos, não sei) a participação na Eucaristia não seja vista como um dom para as nossas necessidades, mas, pelo contrário, como um pedido de Deus para nós. Assume, portanto, o sabor de um dever, de uma obrigação. Mas não era isso que Jesus tinha em mente; na verdade, é exatamente o oposto.

Jesus pensou na Eucaristia como um dom para as nossas necessidades, uma resposta à nossa fome e sede.



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



Então, penso que um sacerdote, antes de celebrar a Eucaristia, deveria perguntar-se: de que tem hoje fome o meu povo? O que ele precisa receber da Eucaristia? O que eles estão necessitando?

Assim agirá à imitação de Jesus, que veio para servir, Jesus sempre a serviço das necessidades das pessoas.

Acredito que esta seja a direção certa e não a inversa, aquela que pergunta em que condições as pessoas devem estar para poder se aproximar de Deus.

A direção certa é sempre a de Jesus, claro, que nunca partiu dos pecados das pessoas, mas das suas necessidades. Como quando pergunta ao cego Bartimeu: "O que você quer que eu faça por você?" (Mc 10,51; Lc 18,41). Ou, quando se preocupa com a fome da multidão que vem ouvi-lo, ou ainda quando responde à sede da mulher com muitos maridos, oferecendo-lhe água viva ou quando serve pão e vinho até ao homem que vai traí-lo, porque a fome de Judas é a mesma de todos os outros.

Talvez ainda não tenhamos metabolizado a verdade que Jesus nos trouxe: o Deus da última ceia, do lava-pés, de toalha, ajoelhado no chão, tirando as crostas de sujeira dos pés dos seus amigos. Um Deus a nosso serviço, nosso lavador de pés.

Esta ideia é tão chocante e escandalosa que ainda não a assimilamos. E talvez não queiramos assimilá-lo - mesmo que o Evangelho seja claro - porque se realmente entendemos que Jesus faz isso por nós, então nós também deveríamos fazer o mesmo uns com os outros.

É bom encerrar com palavras que não são minhas, mas do Papa Francisco. Estas são palavras dirigidas em particular aos sacerdotes, mas que devem ser estendidas, eu diria, a todos nós, quando nos encontramos falando do Evangelho aos outros:

«Quem quiser pregar deve primeiro estar disposto a ser movido pela Palavra e fazê-la encarnar-se na sua existência concreta» (EG 150).

